



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ
CAMPUS FLORIANO-PI
CURSO ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

GLÁUCIA SILVA FERREIRA

MATERNIDADE ATÍPICA: OS DESAFIOS DA (SOBRE)VIVÊNCIA E A INCLUSÃO
DA MÃE ATÍPICA NO MUNDO SOCIAL

FLORIANO

2024

GLÁUCIA SILVA FERREIRA

MATERNIDADE ATÍPICA: OS DESAFIOS DA (SOBRE)VIVÊNCIA E A INCLUSÃO
DA MÃE ATÍPICA NO MUNDO SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo científico)
apresentado como exigência parcial para obtenção
do diploma do Curso de Especialização em
Educação Especial e Inclusiva-EAD do Instituto
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Piauí, Campus Floriano.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Leanne Silva de Sousa.

FLORIANO

2024

MATERNIDADE ATÍPICA: OS DESAFIOS DA (SOBRE)VIVÊNCIA E A INCLUSÃO DA MÃE ATÍPICA NO MUNDO SOCIAL

Gláucia Silva Ferreira ¹

Leanne Silva de Sousa ²

RESUMO

Maternidade atípica é um termo em que se usa quando a mãe tem um filho em que não condiz com uma situação comum, ou seja, pode ser um filho com algum tipo de transtorno mental ou deficiência física, gravidez na adolescência dentre outras formas de maternidade. Neste artigo pesquisou-se sobre as produções científicas entre os anos de 2013 a 2023 sobre a maternidade atípica analisando-se os depoimentos de mães atípicas seu modo de vida e interação social. Os trabalhos analisados foram trabalhos de conclusão de curso, artigos publicados em revistas e livros além das pesquisas feitas em sites que tratam sobre o tema. A pesquisa mostra a baixa produção sobre o tema em questão e se trata de um artigo que tem como temática a maternidade atípica, iniciou-se a pesquisa com um questionamento sobre o assunto: quais implicações surgem na vida de mulheres que se tornam mães atípicas e que passam a dedicar-se inteiramente aos cuidados do filho? Seu objetivo principal é compreender, no contexto das vivências e interações sociais, as necessidades demandadas relativas à maternidade atípica. A pesquisa foi do tipo revisão bibliográfica, utilizou-se alguns termos de busca como “maternidade atípica”, o critério de busca foi produção dos últimos 5 anos e em nível nacional. Entende-se que esta pesquisa é de grande importância uma vez que irá contribuir para a continuação de estudos sobre a maternidade atípica visto que é um tema atual e necessário além de potencializar o debate acerca do assunto. Os principais autores que deram suporte a esta pesquisa são: BADINTER 1985; FERAZZO 2019; JESUS E SOUZA 2023.

Palavras-chave: Maternidade Atípica; Inclusão Social; Relação Familiar.

ABSTRACT

Atypical motherhood is a term that is used when the mother has a child in which it does not match a common situation, that is, it can be a child with some type of mental disorder or physical disability, pregnancy in adolescence among other forms of maternity. In this article, we researched the scientific productions, between the years 2013 and 2023, on atypical motherhood, analyzing the testimonies of atypical mothers, their way of life and social interaction. The analyzed works were a course conclusion work, two articles published in magazines and a book in addition to research done on websites that deal with the subject. The research shows the low production on the subject in question and if it is an article that has as its theme the atypical motherhood, the research began with a question on the subject: what implications arise in the lives of women who become atypical mothers and who start to dedicate themselves entirely to the care of the child? Its main objective is to understand, in the context of social experiences and interactions, the needs demanded related to atypical motherhood, added to the form of (survival) of mothers who are in this process of trying to include themselves in society taking into account the challenges encountered in the course of

¹ Discente do Curso de Especialização em Educação Especial e Inclusiva Instituto Federal do Pi-auí, campus Floriano- IFPI. E-mail: glaucia.prof.ped@outlook.com.

² Doutora em Química pela Universidade Federal do Piauí. IFPI Campus Valença. E-mail: leannesilva@ifpi.edu.br.

their lives. It is understood that this bibliographic approach is of great importance since it will contribute to the continuation of research on atypical motherhood, the main authors who supported this research are: BADINTER 1985; FERAZZO 2019; JESUS AND SOUZA 2023.

Keywords: Atypical Maternity; Social inclusion; Family Relationship.

Data de aprovação: 09/12/2023

1 INTRODUÇÃO

Pensar a maternidade atípica se faz cada vez mais necessário na contemporaneidade uma vez que esta condição impacta profundamente a vida das mulheres que se tornam mães atípicas e é nesse contexto que a discussão sobre maternidade se torna necessário porque estas mulheres passam a cuidar do filho e este cuidado sobrepõem inclusive sua saúde física e mental (Jesus e Souza, 2023). Nesse sentido discutiremos sobre a importância do tema e como este está cada vez mais frequente na sociedade e entre as mães que se tornaram atípicas durante seu ato de matinar.

A maternidade tem capacidade para transformar todo um contexto na vida de qualquer pessoa e principalmente a maternidade atípica, que é o foco desse trabalho, e essa transformação afeta as relações com o mundo social e o modo de vida das pessoas (Jesus e Souza, 2023). Por isso acredita-se que estudos e pesquisas precisam estar diretamente articulados com o cotidiano dessas mães com o intuito de contribuir para o enfrentamento de suas necessidades, dificuldades e desafios que surgem no decorrer de suas vidas.

Dentre as questões que surgiram ao longo da construção desse projeto, apresento a que se mostrou mais intrigante. Assim trago a seguinte problemática: "Quais implicações surgem na vida de mulheres que se tornam mães atípicas e que passam a dedicar-se inteiramente aos cuidados do filho? ”.

Diante da proposta, a pesquisa poderá compreender, no contexto das vivências e interações sociais, as necessidades demandadas relativas à maternidade atípica, somadas à forma de (sobre)vivência de mães que se encontram nesse processo de tentativa de incluir-se na sociedade, identificar o impacto na vida de mulheres com a chegada da maternidade atípica, conhecer a forma como as mães atípicas lidam para a inclusão dos filhos nas instituições sociais, interpretar os depoimentos de mães atípicas e de sua (sobre)vivência no dia a dia.

Discutiremos sobre a vida das mulheres que se tornam mães atípicas e dedicam todo seu esforço aos cuidados do/s filho/s, porque como afirma Badinter 1985, quando a mulher burguesa aceitava cuidar da educação dos filhos ela melhorava sua posição pessoal perante a sociedade porque ela passava a deter o poder sobre os bens materiais da família e acrescentava o poder sobre seu filho além disso passava a ser considerada a “rainha do lar”.

Diante do exposto entende-se que os cuidados maternos foram “impostos” à mulher mais precisamente a pós a queda do Império Romano, porque antes desse fato os filhos eram cuidados pela ama de leite e as mães não tinham responsabilidades sobre o filho até seus 5 anos de idade. Neste sentido o trabalho disporá sobre como as experiências singulares de quem vivencia o fenômeno, nesse caso as mães atípicas, e com a intenção de exprimir diante dos estudos a serem observados e analisados como as experiências vividas se colocam diante das percepções maternas sob o cuidado com e para seus filhos (Jesus e Souza, 2023).

Os pais atípicos geralmente convivem com alto índice de estresse e sobrecarga física e mental, sobretudo a mãe que, socialmente, é designado o papel de cuidar renuncia à carreira profissional, à vida social e às relações afetivas em prol dos cuidados maternos com o filho, que necessita de cuidados especializados (Gama, 2019).

Além disso é importante destacar sobre a rede de apoio que as mães, sejam elas atípicas ou não, necessitam para usufruírem de um momento de lazer, trabalho e outras demandas no seu dia a dia. Segundo Almeida, ao pensarmos em todos os elementos que permeiam a realidade da mulher, mãe atípica e cuidadora e como a combinação destes elementos gera sobrecarga, podemos nos questionar a respeito da rede de apoio existente nessa relação. Pesquisa realizada pelo Instituto Baresi em 2012, revela que 78% das mães de crianças com deficiências e doenças raras são abandonadas por seus maridos antes da criança completar 5 anos de idade (Almeida 2023).

Nesse sentido este trabalho se estrutura em referencial teórico, onde possui três subtítulos, são eles: conceituando a maternidade, vivenciando a maternidade atípica e relação familiar da criança atípica, em seguida é apresentada a metodologia do trabalho e logo após resultados e discussão dos dados e finalizando com as considerações finais.

Desse modo, espera-se identificar as demandas vindas com a maternidade atípica e propor possíveis soluções diante dos desafios que surgirem, seja nas relações sociais, de forma geral e nas relações parentais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONTEXTUALIZANDO A MATERNIDADE

Falar em maternidade é falar também na figura feminina, mulher, uma não existe sem a outra porque a figura de mãe só é possível ser vista na figura da mulher além disso pensar a maternidade na contemporaneidade se faz cada dia mais necessário devido aos desdobramentos em que a sociedade atual apresenta e exige da mulher responsabilidades que impactam diretamente sua vida. De acordo com Elisabeth Badinter (1985) a mãe, no sentido habitual da palavra (mulher casada e com filhos) é uma personagem relativa e tridimensional, é relativa porque precisa ter um esposo na figura do homem e precisar ter um filho e é tridimensional porque além dessa dupla relação ela é um ser específico, ela é uma mulher que tem aspirações próprias e que frequentemente são diferentes das do esposo e do filho, com isso a figura da mulher quando torna-se mãe consequentemente são lhe impostas exigências e responsabilidades que na maioria das vezes não condiz com as suas aspirações.

Podemos entender que essas aspirações são como, estabilidade financeira, viagens, interações sociais, amigos, tornar-se mãe e constituir uma família, o que vale ressaltar é que elas podem, e na maioria das vezes, divergem das aspirações da sociedade intitulada patriarcal a qual vivemos, visto que até final do século XVIII, início da Revolução Industrial, a mulher tinha o dever de obedecer ao pai e após a maior idade, ao casar-se, obedecer ao marido Badinter (1985).

Giordani RCF et.al. (2016) “O nascimento de um filho e a responsabilidade pela sua vida provocam mudanças na identidade feminina e implicam em transformações em seus relacionamentos pessoais e no conjunto das relações sociais. ”. Diante desta afirmação inferimos que a partir do momento em que a mulher se torna mãe ela assume uma nova postura, ocorre uma mudança na sua identidade, na vida, nas relações com o outro e na sua autoimagem, é exigido dela que tenha comportamentos adequados, vistos aos olhos da sociedade, porque agora ela precisa ser a figura exemplo dentro de casa, para o filho e para conseguir a aprovação da sociedade. Giordani RCF et.al. (2016).

Em uma outra perspectiva de visão, mas seguindo o mesmo raciocínio, Badinter (1985) menciona que foi preciso ouvir a palavra de Jesus Cristo para que o comportamento da sociedade em relação à mulher mudasse, pelo menos na teoria, “guiado por esse princípio revolucionário que é o amor, Jesus proclamou que a autoridade paterna não se estabelecera no interesse do pai, mas no do filho, e que a esposa-mãe não era sua escrava, mas sua companheira”. Essa postura muda somente na teoria porque na prática a mulher continua sendo subserviente ao marido, com a chegada da revolução industrial e a possibilidade de mudança de vida, a mulher começa a trabalhar e conquistar sua independência financeira ela é vista como uma pessoa que deseja trabalhar fora de casa para se redimir das responsabilidades do lar, com isso ela passa a assumir mais um papel a de trabalhadora (Badinter, 1985).

Gradwohl, et.al (2019), explicam que a valoração e vivência da maternidade variam de acordo com a época e cultura da inserção da mulher em cada contexto histórico. Historicamente desde a idade média as famílias eram constituídas apenas por interesses econômicos e a maternagem não era vivenciada pelas mães, pois estas delegavam a tarefa às camponesas pobres, até os oito anos de idade da criança que a partir daí era considerada um adulto em miniatura.

A partir do século XIX a mulher/maternidade passa a ser exaltada socialmente devido a responsabilidade de criar o filho ser transferida à mãe bem como está ganha a responsabilidade de cuidar do lar e passa a ser considerada a “rainha do lar”, “mulher-mãe” e que segundo Gradwohl, et.al (2019) apud Freire (2008) esses adjetivos agregavam às chamadas novas mulheres modernas.

Diante do que foi exposto até aqui podemos adentrar na discussão sobre a maternidade atípica, como as responsabilidades das mães se modificam e tornam-se ainda mais exigentes.

2.2 VIVENCIANDO A MATERNIDADE ATÍPICA

A maternidade por si só requer, por parte da mulher-mãe, um cuidado para com o filho, é intrínseco o cuidado materno, ainda que este tenha sido construído socialmente, e seguindo no mesmo viés de um raciocínio lógico podemos discutir sobre a maternidade atípica ao passo que esta traz uma sobrecarga ainda maior para a mulher-mãe que além de personagem relativa, tridimensional precisar ser também mãe atípica.

Jesus e Sousa (2023) contextualiza o cuidado ao filho mencionando que, por conjuntura social, este cuidado é obrigatoriamente delegado a mulher além de ser muito mais intenso quando se trata do nascimento de uma criança com deficiência. Se por um lado, há a perda de um filho idealizado, isso se deve ao fato de que nenhuma mãe programa ter um filho atípico, por outro lado ela deve ceder lugar a um filho real (atípico) que possivelmente gerará relações extensivas de interdependências, não se pode esquecer que, para a mulher “o ajustamento a esta realidade pode exigir-lhe uma drástica mudança em seu modo de vida, na profissão, nas esperanças para o futuro e nos planos para alcançar seus objetivos” (Jesus e Souza apud BUSCAGLIA, 1993, p.20).

A tarefa de mãe atípica exige tempo integral de quem a assume podendo ou não contar com uma rede de apoio e ainda assim, quando encontrada a rede de apoio, a responsabilidade mor é delegada somente à mãe. A mulher além de ser personagem relativa e tridimensional, como contextualizado anteriormente, ao tornar-se mãe atípica passa por um grande processo de transformação podendo até mesmo desenvolver um grau de estresse que faz com que suas relações sociais também sejam modificadas. (Jesus e Souza, 2023).

Em análises de pesquisas já realizadas encontramos alguns relatos de mães atípicas que descrevem as mudanças ocorridas em suas vidas após a chegada do filho com deficiência, em sua pesquisa de campo Jesus e Souza (2023) relatam as primeiras reações das mães ao saberem

que seriam atípicas e constata-se um sentimento comum entre elas, o susto, a preocupação e o choque.

Em outro questionamento sobre as mudanças ocorridas, as mães relataram que a maternidade atípica é muito diferente da maternidade não atípica porque precisam ter mais paciência, atenção e trabalho redobrado evidenciando o fato de que “o cuidado é uma atividade assistencial para satisfazer necessidades dos outros” (Jesus e Souza apud TRONTO, 1997, p.195). Na maternidade, a mãe atípica condiciona todo seu esforço ao filho que, por algum motivo naturalmente exige isso dela, assim ela deixa de lado o seu autocuidado priorizando sempre o filho e com isso ela tende a diminuir a longo ou curto prazo suas relações sociais que envolvem seus momentos de lazer imprescindíveis para a vida de qualquer pessoa. “A prática de atividades de lazer pode aumentar a sua expectativa de vida em até quatro anos e meio, segundo o *National Cancer Institute*. Isso porque elas aliviam o estresse por meio da liberação de hormônios ocitocina e do neurotransmissor serotonina, associados ao bem-estar”.

Ferazzo em uma pesquisa qualitativa de trabalho de conclusão de curso que tem por objetivo identificar como a deficiência constitui modos de ser mulher-mãe e quais as redes de apoio que se fazem presentes nestas maternidades, traz frases retiradas de um livro intitulado “71 leões, Lau Patrón”.

“Virei facilmente a coitada que largou a própria vida para cuidar do filho. Como se fosse pouco. Como se não fizesse sentido” “Ouvi dizer, em reunião, por uma mãe, que seu filho era pequeno demais para conviver com esse problema. E esse problema era meu filho” (Lau Patrón, 71 Leões).

Ferazzo (2019 p.8) relata que “eis que descubro uma história emocionante. Um livro recheado de dor, sensibilidade, luta e verdades”.

Durante esta pesquisa Ferazzo tenta responder ao seguinte questionamento: Como se dá a maternidade destas mulheres? Qual a rede de apoio que as cercam? Diante dos relatos coletados a autora percebe que suas maternidades se diferenciam de diferentes maneiras, porém com pontos em comum, como o processo de sofrimento e aceitação além da dedicação integral com o filho.

2.3 RELAÇÃO FAMILIAR DA CRIANÇA ATÍPICA

Apresentar alguma deficiência física ou mental dar à pessoa que a possui um tipo de desenvolvimento que não é considerado “normal”, por isso usamos o termo desenvolvimento atípico para aquelas pessoas que têm necessidades educativas especiais (Minetto, et.al, 2016).

Silva e Dessen (2014) contextualizam o cuidado da criança atípica e afirmam que o desenvolvimento dela é particularmente influenciado pelas relações familiares e principalmente pelo modo como os pais lidam com a deficiência e pelo suporte oferecido às crianças. As autoras, Silva e Dessen (2014) afirmam ainda que crianças com deficiência, algumas vezes, apresentam um certo tipo de comportamento não pela deficiência em si mas pela maneira como os pais se comportam diante de tal fato, seja pela inadequação de cuidados ou pela superproteção com elas. Por outro lado, os pais de crianças atípicas se mostram mais vulneráveis ao estresse em relação aos pais de crianças típicas, além disso, seguindo essa mesma linha de raciocínio as autoras complementam que o papel do pai-homem é apenas de provedor e o papel da mãe -mulher é a de cuidadora, confirmando o que já foi discutido nesse trabalho, a mãe é responsável, majoritária, pelo cuidado com o filho.

Falar sobre a relação parental da criança com a família, em especial os pais, pode gerar consequências graves que é o desgaste emocional, com a afirmação de que: “A maior demanda de cuidados e atenção que a criança requer em função de sua deficiência tem sido o principal motivo desse desgaste, uma vez que as mães gastam mais tempo para cuidar da criança do que com as atividades pessoais e sociais”. (Silva e Dessen, 2014). A partir desse entendimento

relata-se um questionamento sobre o desgaste e estresse causado pelos cuidados com o filho atípico. (Minetto et. al. 2016) salientam que além do turbilhão emocional, gerado pela chegada de um bebê, os pais que têm filhos com alguma deficiência precisam lidar com as expectativas daqueles que estão à sua volta, além de problemas de saúde que a criança possa apresentar, gerando uma carga alta de estresse. Desta forma podemos ressaltar que é importante que as pessoas envolvidas com a maternidade atípica precisam de uma rede de apoio que lhes ofereça todos os cuidados necessários para enfrentar os desafios do dia a dia.

Minetto, et.al (2016) nos mostra que o papel da família, especialmente dos pais, é essencial no processo de desenvolvimento da criança atípica, porém as expectativas que eles têm sobre o desenvolvimento da criança irão interferir no seu modo de agir.

O principal microssistema responsável pelo desenvolvimento da criança, é a família e com a chegada de um filho atípico, isso pode gerar estresse e leva a questionamento sobre a prática educativa que os pais acreditavam ser favoráveis à criança e que, na maioria das vezes, não é. Há mudanças de planos e aumento da responsabilidade, uma vez que nada do que está acontecendo foi planejado (Minetto, et.al, 2016).

Ao falar em rede de apoio, Gama (2019) define que é uma dimensão estrutural ou institucional ligada a um indivíduo e que envolve conexões entre as pessoas ligadas a ela. Para as mães atípicas a rede de apoio se torna fundamental para a diminuição da sobrecarga e para a realização de atividades sociais. A autora comenta ainda que a participação da mãe é, geralmente, obrigatória enquanto a do pai é opcional e depende das definições culturais de cada papel, do homem e da mulher, ou seja, é o contexto em que esta família está inserida que diferencia a participação de ambos nos cuidados com o filho atípico.

A rede de apoio, em qualquer tipo de maternidade, é assunto importante a ser discutido, a sobrecarga da mãe/mulher é infinitamente maior que a do pai/homem.

3 METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida neste artigo foi do tipo revisão bibliográfica, o livro, os artigos publicados em revistas, os trabalhos de conclusões de cursos de graduações sobre a temática foram buscados no contexto nacional e, ao acessar o site da BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de teses e Dissertações) e buscar por “maternidade atípica”, “vivências” e “crianças atípicas” nos últimos 10 anos não foram encontrados nenhum trabalho, fazendo uma nova busca por “maternidade”, “criança” e “atípica” foram encontrados 6 trabalhos, porém não correspondem ao foco principal do tema que é maternidade atípica. O artigo científico busca analisar as trajetórias de mães e a mudança sofrida após se constituírem mães de crianças atípicas. Tal resultado é um demonstrativo da falta de estudos acerca da maternidade de crianças com deficiência. O levantamento realizado nos permite afirmar que, diante da importância do olhar para a maternidade atípica, a quantidade de pesquisas acadêmicas realizadas no site a respeito desse assunto é extremamente reduzida.

Uma outra busca foi realizada no “google acadêmico” e foram encontrados, aproximadamente, 13 mil resultados, porém a maioria voltados para alguma deficiência como o autismo. O artigo não pretende focar na deficiência da criança e sim na maternidade atípica.

Quanto ao propósito da pesquisa, esta foi de caráter exploratória que teve como finalidade o aprofundamento sobre o tema debatido e tem como base um levantamento bibliográfico através de análises de pesquisas realizadas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado.

Quanto aos métodos empregados segundo a natureza dos dados foi uma pesquisa qualitativa porque a pesquisa qualitativa tenta compreender certos “fenômenos” comportamentais através da coleta de dados narrativos e estudando as preferências singulares de cada um.

Ao planejar uma investigação, torna-se indispensável a escolha de métodos que se adéquem à natureza da proposta. A escolha do procedimento metodológico tem relação direta com a necessidade de atingir os objetivos da pesquisa.

Os instrumentos de coleta de dados foram por levantamento documental e todos os trabalhos analisados encontram-se nas referências deste artigo informando os autores, revistas, universidades e campo de pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.

Durante a pesquisa dividiu-se os trabalhos a serem analisados por categorias, onde, elencamos as seguintes, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 1: Trabalhos selecionados com o título, autor, ano de publicação e categoria.

Categorias	Título	Autor	Ano
Maternidade	Um Amor conquistado: o mito do amor materno	Badinter, Elisabeth	1985
Maternidade	Maternidade e amamentação: identidade, corpo e gênero	GIORDANI, RCF et al.	2016
	Maternidade e Formas de Maternagem desde a Idade Média à Atualidade	Silvia Mayumi Obana Gradvohl. Maria José Duarte Osis. Maria Yolanda Makuch	2014
Maternidade Atípica	“MAS QUE PROBLEMA TU TEM?”: narrativas de mães de crianças e adolescentes com deficiência.	FERAZZO, Flávia Pontin	2019
	Experiências maternas sobre o cuidado com o filho com deficiência na APAE salvador	JESUS, Matheus Wisdom Pedro de; SOUZA, Sueli Ribeiro Mota	2023
Rede de apoio	Sobrecarga materna: um olhar para as cuidadoras das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA)	ALMEIDA, Beatriz Costa	2023
Redes de Apoio	ATRAVÉS DO ESPECTRO: Redes de apoio social na vivência da maternidade atípica	GAMA, Maria Eduardo Azevedo da.	2019
	Crenças e práticas	Maria de Fátima	2016

	educativas de mães de crianças com desenvolvimento atípico	Minetto. Löhr, Suzane Schmidlin.	
	Relações Familiares na Perspectiva de Pais, Irmãos e Crianças com Deficiência	SILVA, Simone Cerqueira da. DESSEN, Maria Auxiliadora	2014

Fonte: Banco de dados, 2024.

Dentre os trabalhos analisados o primeiro deles foi o livro, que se encontra em pdf no “google”, Badinter (1985), autora do livro, fala sobre o amor materno e sobre a construção deste ao longo da história da humanidade, no livro a autora relata que a maternidade, na época da idade média, não era entendida como uma “obrigação” exclusiva da mãe e sim era compartilhada com a ama de leite, a criança era devolvida à família ao completar os 5 anos de idade e só a partir daí tornava-se de responsabilidade da família, sua criação e educação.

Quando as mães se separavam de seus filhos por três ou quatro anos, que sentimento materno podia experimentar quando voltavam para casa? Penso, enfim, como os psicanalistas, que não há amor sem algum desejo, e que a ausência da faculdade de tocar, mimar ou beijar é pouco propícia ao desenvolvimento do sentimento. Se a criança não está ao alcance de sua mão, como poderá a mãe amá-la? Como poderá apegar-se a ela? (Badinter 1985).

Giordani, RCF et al (2016) também coaduna com as palavras de Badinter (1985) afirmando que o nascimento de um filho provoca mudanças na identidade feminina e implica em transformações em seus relacionamentos pessoais. Além de inferir que a mãe não sentia o amor materno pela criança porque esta não estava ao alcance de suas mãos e nem sob seus cuidados, no entanto o vínculo entre mãe e filho era desenvolvido posteriormente ao longo da convivência, sendo assim a autora confirma ainda que o amor materno é uma construção social (Badinter, 1985).

Em seguida analisou-se um artigo que fala sobre as narrativas de mães que têm filhos com autismo, neste trabalho podemos perceber através de suas falas o quanto a maternidade atípica retira, ou pelo menos diminui consideravelmente, o tempo de lazer e interação que serviria para a melhoria da qualidade de vida de qualquer pessoa, sendo assim as mães não contam com esse tempo destinado ao seu descanso.

Trata-se de uma maternidade que não gera o filho no ventre, outra que se constitui através de um processo lento de aceitação do filho, ou ainda, a maternidade que é capaz de mudar uma família, afastar parceiros, cortar relações com companheiros e se configura como sendo só. Uma maternidade solitária, uma maternidade que por vezes se configura diferente dentro da mesma casa, diferente do que é visto em propagandas comerciais, mas sem excluir o fato de ser transformadora. Este, talvez, seria o resumo dos principais aspectos que permeiam a vida das seis mães que esse trabalho vem apresentando (Ferazzo, 2019).

A autora da pesquisa acompanhou um grupo de mães atípicas que se reuniram durante 6 encontros e nestes encontros relatavam suas angústias, medos e desabafos, enfatizando ainda sobre a exaustão da maternidade atípica.

Analisando o artigo publicado em revista e intitulado “experiências maternas sobre o cuidado com o filho com deficiência intelectual na Apae de Salvador”, compreendemos como a função social da mãe é apenas cuidar do filho atípico e com isso a sobrecarga sob a mulher/mãe reduz ou até mesmo extingue seus momentos de lazer, interação social etc. Como podemos perceber pela fala do autor:

A análise das narrativas mostra que, diante da sociedade que ainda se configura majoritariamente sob as demandas do patriarcado, a mulher ainda é vista como única e excepcional cuidadora dos filhos com deficiência deixando de lado, inclusive, o autocuidado enquanto mulher para dedicar-se a esta tarefa integral. Estudos como esses visam fomentar debates que direcionem a (re)pensar o papel da mulher na maternidade atípica e propor discussões sobre a imposição do cuidado e o seu autocuidado, por vezes, ignorado (Jesus e Souza, 2023).

Em relação à rede de apoio que é de extrema importância às mães atípicas, Gama 2019, afirma que as redes de apoio social, portanto, são um conjunto de relações interpessoais, estruturadas através de uma teia que une os diversos indivíduos que possuem vínculos sociais, propiciando que os recursos de apoio fluam através desses vínculos, no caso em questão a rede de apoio é composta pelos familiares ou pessoas bem próximas da mãe atípica. A autora comenta ainda que a rede de apoio serve também como prevenção de algumas doenças psicossomáticas como o estresse e que a rede de apoio tende a aliviar este em situação de crise.

Minetto, et.al (2016), mostra que a criança atípica tem um desenvolvimento humano diferente e, portanto, necessita de atenção e cuidados específicos com isso constata a participação da família e principalmente dos pais e além de afirmar que o comportamento das pessoas mais próximas interfere no desenvolvimento da criança.

Em consonância à, essa rede de apoio, Almeida 2023, comenta que a sobrecarga emocional no momento do diagnóstico pode ser comparada a um luto, pois a expectativa do filho idealizado dá lugar à necessidade de adaptação ao filho/a real, além do medo do desconhecido e do preconceito velado da sociedade após o diagnóstico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A pesquisa permitiu constatar que a maternidade é de fato um fenômeno social e que interfere significativamente a vida de mulheres que se tornam mães. Constatou-se que a maternidade atípica é também um fenômeno e que está cada vez mais frequente e crescente o número de mães atípicas na sociedade. A sobrecarga de uma mãe atípica traz consequências para sua saúde física e principalmente mental além disso o número de abandono por parte do pai, quando recebe o diagnóstico do filho atípico, cresce consideravelmente destinando os cuidados com o filho apenas à mãe. Outro fator importante que foi observado são as redes de apoio e estas são fundamentais para diminuir o índice de estresse, depressão e até mesmo suicídio entre as mães atípicas, com isso torna-se uma questão de saúde pública e de responsabilidade do poder público em ofertar apoio psicossocial às famílias de pessoas atípicas.

De acordo com os resultados, pode-se reconhecer que a maternidade atípica, por ser um evento “não planejado”, necessita de discussão mais aprofundada a respeito do tema e que este tema deve ser discutido por todos, a maternidade atípica precisa ser debatida, apoiada e inserida nas discussões sociais. As mães necessitam de apoio, segurança além de recursos financeiros na ausência destes o número de pessoas vulneráveis às doenças psicossomáticas pode aumentar consideravelmente. O assunto é urgente e precisa ser tratado com cuidado.

A pesquisa foi realizada com sucesso e, portanto, considerada satisfatória tendo em vista a baixa produção científica sobre o tema, esta pesquisa pode contribuir para dar continuidade a outras que serão realizadas posteriormente.

REFERÊNCIAS

A importância do lazer para a saúde mental: veja algumas atividades para incluir na rotina e viver muito melhor!. Disponível em: <https://blog.yticon.com.br/importancia-do-lazer/>. Acesso em 03/05/2023.

ALMEIDA, Beatriz. **Sobrecarga materna:** um olhar para as cuidadoras das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Orientadora: Priscila Cardozo, Santos, 2023.

BADINTER, Elisabeth. B126a. **Um Amor conquistado:** o mito do amor materno. Elisabeth Badinter; tradução de Waltensir Dutra. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FERAZZO, Flávia Pontin. **“MAS QUE PROBLEMA TU TEM?”:** narrativas de mães de crianças e adolescentes com deficiência. Universidade Federal Do Rio Grande do Sul Faculdade De Educação Curso De Pedagogia – Licenciatura; Porto Alegre 2019.

GAMA, Maria Eduarda Azevedo da. **ATRAVÉS DO ESPECTRO:** Redes de apoio social na vivência da maternidade atípica. Salvador, 2019.

GIORDANI, R. C. F et al. **Maternidade e amamentação:** identidade, corpo e gênero. Departamento de Nutrição, Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná. R. Lothário Meissner 632, Jardim Botânico. 2016. 80210-170 Curitiba PR Brasil. rubia@ufpr.br.

JESUS, Matheus Wisdom Pedro de; SOUZA, Sueli Ribeiro Mota. Experiências maternas sobre o cuidado com o filho com deficiência na APAE Salvador. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Centro de Educação, Letras e Saúde. Campus: Foz do Iguaçu. ideacao@yahoo.com.br. Ideação. **Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde.** v. 25, n. 1, 2023. e-ISSN: 1982-3010.

MINETTO, Maria de Fátima e Löhr, Suzane Schmidlin. Crenças e práticas educativas de mães de crianças com desenvolvimento atípico. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 59, p. 49-64, jan./mar. 2016.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento:** do planejamento aos textos, da escola à academia. 4. ed. SP: Rêspel, 2012.

SILVA, S.C. & DESSEN, M. A. Relações Familiares na Perspectiva de Pais, Irmãos e Crianças com Deficiência. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 20, n. 3, p. 421-434, Jul.-Set., 2014 - <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382014000300008>.